

Ano XXXVII - N.º 3

Revista Mensal

2,50 €

Março 2021

MENSAGEIRO

de SANTO ANTÓNIO

OUVIR
E
ESCUTAR

Sumário



Março 2021 | Nº 3 | Ano XXXVII

EDITORIAL

- 3 Prova de autenticidade**
Frei Severino

VOZ PARA VÓS

- 4 Pais emprestados**
Fabrizio Bordin

HOMEM E SOCIEDADE

- 6 Acerca da Natureza das coisas**
A Felicidade com(s)ciência 6
em tempos de COVID-19
Manuela Grazina

- 8 Ponto e contraponto**
Catequese e Vaticano II
Idalino Simões

- 10 Traços de uma Presença**
Igreja Doméstica
e Celebração da Páscoa
Juan Ambrosio

- 12 Pés na Terra**
Recomeçar
Inês Espada Vieira

- 14 Memória e tradição**
Santo António na publicidade
Pedro Teotónio Pereira

ESPECIAL

- 15 Verbos da Salvação - 6**
Ouvir e Escutar
Adelaide Pereira | Rui Pedro Vasconcelos

CULTURA

24 Artes e Letras

- Livros
Rui Vasconcelos
Cinema
Pe. Manuel Monteiro Mendes

IGREJA A CAMINHO

- 26 Economia de Francisco**
Trabalho e Cuidado
Luísa Gonçalves

- 28 Espaço nova geração**
Jovens... e Christus Vivit
Marcel Callo
Luís Leal

PÁGINAS ANTONIANAS

- 29 António hoje**
Nascer em segurança
Frei José Carlos Matias

- 30 Nos Passos de António - 12**
É comigo também
Fabio Scarsato

- 32 Devoção**
Orações a Santo António

- 34 Santo António mestre da palavra**

- Os Ramos dos Santos
Frei Valentim Strappazzon

CONTRACAPA

- 36 Fratelli Tutti**
Vós sois todos irmãos
Ana Vozzone

Diretor
Frei José Augusto Marques
(Carteira Profissional TE-101)
Diretor-adjunto
Secundino Correia
(Carteira Profissional TE-1302)
Administrador
Frei Domenico Celebrin
Redação
Frei Severino Centomo

Proprietário e Editor
ACMSA - Associação Cultural
Mensajeiro de Santo António,
entidade sem fins lucrativos
(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Administração, Redação e Edição
Estrada de Assafarge, n.º 6
3040-718 Castelo Viegas

Atendimento:
segunda a quinta
das 10:00 às 12:30
e das 15:00 às 17:00

NOVO Telefone: 239 097 984

Correio eletrónico
mensajeiro.assinantes@gmail.com

Preço da assinatura anual
Só digital: 15 €
Portugal: 22 €
Europa: 35 €
Fora da Europa: 50€ - \$75 (CAN)
Amigo: 50 €
Benemérito: 100 €

Preço avulso: 2,50 €
Números atrasados: 3,50 €

NIB da ACMSA
001000004251041000159
IBAN da ACMSA
PT50001000004251041000159
SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão
SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda
Travessa Sá e Melo, 209
4471-909 MAIA

Número de Registo: 113.612
Depósito Legal n.º 26.837/89

Estatuto Editorial
<https://santoantonio.live/about/>
Edição digital
<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior:
2.600 exemplares



Capa: Mosteiro do Sacro Speco (Sagrada Caverna) de São Bento, Subiaco, Itália, construção iniciada no sec. VI pelo próprio São Bento. Foto MSA 2019.

Editorial: Monte Dent de Jaman, 1875 metros acima de Montreux, Suíça, 11 Junho 2017. Foto EPA/ANTHONY ANEX

O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012.

AGÊNCIAS ECCLESIA E LUSA (PORTUGAL)

A hiker with a backpack is walking on a mountain trail at sunset. The sun is low on the horizon, casting long rays of light across the sky and the mountain range in the background. The hiker is wearing a blue headband and a yellow backpack.

Prova de autenticidade

Frei Severino Centomo

O tempo da quaresma é sinónimo de autenticidade. Na verdade, a quaresma é o “tempo favorável” para cuidarmos do nosso espaço interior a fim de reencontrar o essencial das nossas vidas, renovando a nossa relação com Deus, com os outros, nossos irmãos, e com a criação.

Por onde devemos começar esta “viagem de regresso a Deus”, como a chama o Papa Francisco? É o próprio Evangelho que nos sugere o ponto de partida: sermos sinceros e não hipócritas (cf.: Mt 6, 1-6.16-18). Quer dizer, devemos lutar contra a tentação da imagem, isto é, achar que o aparecer é mais importante do que o ser, o dar nas vistas conta mais do que a intensidade da relação, o que brilha é mais cativante do que o que está em profundidade.

Para isso é necessário um empenho para sermos verdadeiramente autênticos, porque é na profundidade da nossa alma que encontramos o nosso ADN, a marca constitutiva da nossa vida, o nosso ser filhos de Deus, criados à sua imagem e semelhança.

Neste número da revista, a rubrica Especial oferece uma oportuna reflexão sobre dois verbos essenciais na procura da autenticidade: ouvir e escutar. Se a aliança que Deus estabelece com o povo de Israel começa com este verbo: “Escuta, Israel...” (Dt 5, 1) e se Jesus, na sua vinda à terra, se apresenta como o Verbo (Palavra) encarnado, então é evidente que a operação da escuta é fundamental para a nossa vida: “Quem me escutar terá a vida eterna”.

Às vezes, quando se fala de empenho, de esforço para sermos autênticos, pensamos num trabalho duro, difícil e fatigante. Certamente é um trabalho que irá fazer doer o nosso corpo, as nossas concupiscências, a nossa preguiça e as nossas vaidades, mas a meta que nos é proposta irá recompensar todas as fadigas. É como a subida a uma alta montanha: o percurso é duro, íngreme, fatigante e, até, perigoso, mas o panorama que se desfruta ao chegar à meta, recompensa incomparavelmente o esforço investido.

É o Senhor que acende em nós o desejo e a vontade de alcançar o cimo da montanha (a nossa autenticidade), por isso, não devemos apenas contar com as nossas frágeis forças mas, sobretudo, com a sua graça e com o seu amor que não tolera perder nenhum dos seus filhos. ■

Pais emprestados

Frei Fabrizio Bordin

São José, Igreja de Santo António
dos Olivais, Coimbra.
Foto Babo Ribeiro, 2014

Neste mês de Março escolhi falar de São José.

Já sabemos que o Papa Francisco continua a baralhar as nossas agendas e planos abrindo novas pistas e percursos, servindo-se de datas e intuições que lhe brotam do fundo da consciência. Tinha acabado de lançar 2021 como o ano de São José, no dia 8 de Dezembro de 2020, e logo, pouco mais tarde, anunciou o ano da Família para assinalar o aniversário da Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, a começar no dia 19 de Março de 2021. “Afinal, o que quer o Papa?”, foi a reação de alguns.

Se por um lado ficamos confusos perante esta sobreposição, por outro lado temos uma boa oportunidade para descobrir o papel invulgar de São José no seio da vida familiar.

Quando era criança metiam-me impressão certos títulos que saíam da boca do padre e da minha catequista: José castíssimo esposo da Virgem Maria, pai putativo de Jesus. Hoje, tenho receio de usar estas expressões na igreja, não sabendo o que vai na imaginação não só das crianças, mas também do povo de Deus.

Contudo, a tradição cristã, por de trás destas expressões, “castíssimo esposo” e “pai putativo”, soube sintetizar algo de único e extraordinário neste homem, que não era imaculado (como Maria) e mesmo assim, Deus o escolheu para lhe confiar as duas coisas mais preciosas que tinha: o Menino e Sua Mãe.

Aqui está a vocação e missão de José: tomar conta de dois seres tão frágeis e tão divinos, Jesus e Maria, um filho adotado e

uma esposa já engravidada pela sombra do Altíssimo. Por isso, José é chamado a amar mais intensamente aquela mulher e a acolher aquele bebé que não lhe pertence, porque tem outro Pai.

Como alguém disse, José “é um pai emprestado”, chamado a exercer a paternidade sobre um filho que não gerou. É neste sentido que consigo entender São José como meu padroeiro e padroeiro de todos “os sacerdotes que são pais emprestados” chamados a tomar conta de filhos e filhas que biologicamente não são seus, mas que lhe são simplesmente confiados.

Há uma bela expressão do Pe. Luís Maria Epicoco que diz: “José teve que amar Jesus como se fosse seu filho, mesmo sabendo que não era seu filho”. Aqui descobrimos o significado do termo “castíssimo” atribuído a São José. Ela torna-se esposo e

ASSINA E DIVULGA O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO



Já podes pagar a tua assinatura por:



no site



pai, mas sem possuir. Acolhe Maria como esposa, Jesus como filho, toma conta deles, ama-os intensamente, mas renunciando à posse deles... sem reivindicar direitos, porque este menino e esta mãe não lhe pertencem.

O Papa Francisco desde a primeira hora do seu pontificado, que faz nestes dias 8 anos, aponta para José como o “cuidador” por excelência. E no início deste 2021, pediu-nos para crescermos nesta “cultura do cuidado” para com a nossa casa comum (o ambiente) e para com a nossa família humana (todos Irmãos).

Perante cada situação confusa, difícil, até de violência, com que a família de Nazaré deparou, José soube responder com prontidão, «levantando-se, tomou o Menino e sua Mãe» (Mateus 2,21).

Este poderia mesmo ser o lema para este ano dedicado a José e à família: “levantar e tomar conta de quem nos é confiado”. Em José, todos somos “pais emprestados”!

Este é o segredo da vida cristã: cuidar uns dos outros, sem possuir. ■

**Verifica
se a
assinatura
está em dia**

Assinante n.º 1995-4242

Pago até: Dezembro 2019



Preço da assinatura anual

Só Digital (PC, Telemóvel e Tablet)	15 €
Edição impressa Portugal:	22 €
Edição impressa Europa:	35 €
Edição fora da Europa:	50€ - \$75

NIB: 0010 0000 42510410001 59

IBAN: PT50 0010 0000 42510410001 59

<https://santoantonio.live>



A Felicidade com(s)ciência em tempos de COVID-19

Manuela Grazina

A FELICIDADE COM(S)CIÊNCIA HAPPYCHEMISTRY EM TEMPOS DE COVID-19

O conceito de Felicidade já tem alguns séculos. Tales de Mileto (624 a.C.–558 a.C.), um dos primeiros filósofos da História e um dos denominados Sete Sábios da Grécia, considerava que para ser feliz é necessário “um corpo forte e são, boa sorte e uma alma bem formada”.

Eu considero que é preciso saúde, “bons genes” e um ambiente favorável, com valores de referência para o bem-estar e com respeito pelos outros. A felicidade não é algo que se encontra quando se chega, é algo que se leva quando se vai. Está em nós. No cérebro, onde reside o nosso superpoder. A felicidade é um caminho de recompensa. Esse caminho é um conjunto de eventos que se dão no cérebro e que ficam nas memórias, desde os momentos felizes da nossa infância, das histórias... que foram sementes de esperança, para que hoje possamos continuar a superar obstáculos.

A minha incursão na “Neuroquímica da Felicidade” surgiu após ter sido desafiada por um grupo de estudantes do Núcleo de Estudantes de Medicina da Universidade de Coimbra, onde leciono: “Professora, as suas aulas são uma inspiração, não só pelo conhecimento que nos transmite, mas também pelo seu esforço para sermos felizes e sairmos das suas aulas com um sorriso. Queremos organizar uma Semana dedicada à Felicidade! E gostávamos muito que fizesse uma conferência sobre o tema!...” O desafio de transmitir conhecimento científico complexo de forma simples e ser inspiradora. Dado o meu trabalho junto das escolas, desde 2005, para explicar os mecanismos de interação do álcool e das drogas de abuso com o cérebro e a investigação de fatores metabólicos e genéticos na toxicodependência, foi assim que o termo me surgiu para a conferência, a 19.05.2014.

Existem áreas cerebrais “chave”, que integram a chamada “via da recompensa”: a região límbica no “centro” do cérebro (formada por um conjunto de estruturas, e.g. amígdala, que controlam as emoções, os impulsos, as memórias, a resposta

à dor, ao stresse, ao perigo e ao medo...), que é uma espécie de “acelerador” e o córtex pré-frontal, que coordena as decisões, atuando como “travão”.

Os neurotransmissores são atores nesta peça extremamente complexa. Existem fatores genéticos que influenciam a nossa resposta aos estímulos, mas o ambiente físico-químico e psicossocial tem grande influência no desenvolvimento de competências e capacidades. A compreensão desses mecanismos permite um melhor entendimento sobre o funcionamento do nosso cérebro para o bem-estar. A dopamina, a serotonina, endocanabinóides e endorfinas endógenas são os principais neurotransmissores associados ao bem-estar.

Se por um lado a nossa genética é determinante para a possibilidade de ser feliz, o meio-ambiente e as experiências de vida são decisivos para a concretização desse pressuposto, sendo fundamental uma boa alimentação, com os nutrientes para formar os neurotransmissores que protagonizam o bem-estar.

É possível *modular* (influenciar as características de funcionamento) e treinar o nosso cérebro para sermos mais felizes!



A FELICIDADE É ESSENCIAL À NOSSA SOBREVIVÊNCIA COMO ESPÉCIE

No entanto, desengane-se quem acha que a felicidade é ter bem-estar em permanência! Momentos menos bons, infelicidades, dores, medos, perigos, inseguranças, desesperos, lágrimas, contrariedades, passos atrás, repouso, pausas, algum stresse, são temperos fundamentais para a felicidade!

De facto, o excesso de dopamina está associado a psicose, sendo prevenido através do papel do córtex pré-frontal, atuando como “travão”, libertando outro neurotransmissor – GABA (ácido gama-aminobutírico), que impede a libertação de dopamina em excesso e mantendo o equilíbrio para a saúde mental, para que a via da recompensa funcione adequadamente.

A FELICIDADE É COMO O SAL E O AÇÚCAR NA COMIDA! TEM DE SER “QUANTO BASTE”!

O conhecimento dá-nos liberdade, mas implica responsabilidade nas nossas escolhas para a saúde.

Vivemos tempos difíceis, com grandes desafios pessoais, familiares, profissionais e sociais, particularmente devido ao isolamento imposto pelo aparecimento da COVID-19.

O vírus Sars-cov-2 entra no nosso organismo e fecha as portas do oxigénio, nos pulmões, impedindo que seja distribuído, através da circulação sanguínea, a todos os tecidos, onde é usado pelas fábricas da energia (mitocôndrias). Esta energia (ATP) é fundamental para a ocorrência de múltiplos processos bioquímicos e celulares, incluindo o funcionamento da via da recompensa e do sistema imunitário. O combate a este novo vírus é um desafio biomolecular para o nosso corpo, nomeadamente manter o funcionamento da via da recompensa e continuarmos a ter estratégias para a felicidade durante o isolamento e sobrevivermos caso sejamos infetados. A prevenção, seguindo as normas de segurança, continua a ser o melhor remédio.

É fundamental aprender a sentir a harmonia do bem-estar com aquilo que somos e com o que temos, encontrando o nosso superpoder! Por isso, deixovos o meu lema, que é o título do livro que estou a escrever, *Sejam felizes com o que tiverem à mão*©. ■



MANUELA GRAZINA

Docente e Investigadora
Faculdade de Medicina
& Centro de Neurociências e
Biologia Celular
da Universidade de Coimbra



Catequese e Vaticano II

Idalino Simões

Papa Francisco na vigília com os jovens, em Madagascar, 7 de setembro de 2019. EPA / LUCA ZENNARO

O recente discurso do papa aos participantes do encontro promovido pelo Departamento Catequético Nacional da Conferência Episcopal Italiana (30 de Janeiro de 2021) não pode deixar de merecer a todos nós uma importância significativa no momento em que vivemos.

COMO IRÁ SER A CATEQUESE DE CRIANÇAS, JOVENS E ADULTOS DEPOIS DA PANDEMIA?

Neste momento, as dificuldades de quem está numa comunidade e sente sobre si o peso e a responsabilidade da cateque-

se não podem ainda ser bem equacionadas. Pode acontecer um deserto, pois há quase um ano que não tem havido oportunidade para uma catequese normal.

Vamos recuperar ou estaremos diante de um grande desafio à imaginação e criatividade da comunidade cristã?

Agora que estou longe já das responsabilidades paroquias, vejo com alguma apreensão os tempos que se seguem.

É por isso mesmo que o discurso do Papa Francisco neste encontro abre portas e desafios que não podem deixar de ser tidos em conta por todos os que têm a responsabilidade pastoral destes difíceis tempos.

O PAPA COLOCA TRÊS DESAFIOS:

O PRIMEIRO É CATEQUESE E QUERIGMA

Tem-se escrito e refletido muito sobre o querigma mas esta reflexão não é ainda uma práxis no envolvimento catequético.

A nossa tendência para os aspetos práticos e operacionais facilmente substitui a Bíblia pelo catecismo, Evangelho pelo direito canónico, uma visão testemunhal e celebrativa por uma objetivação em normas e práticas morais.

Mais do que o Belo e a Verdade estamos muitas vezes preocupados com o bom e o mau.

A ESCRITURA É O LIVRO; NÃO UM SUBSÍDIO

“A escritura é o Livro; não um subsídio, mesmo que fosse o primeiro”, diz o papa citando o documento base do encontro. A Sagrada Escritura deve ser o “ambiente no qual cada um sente parte da mesma história de salvação”... Mas o Papa avança: “O coração do mistério é o querigma e o querigma é uma pessoa: Jesus Cristo”.

Serão as nossas catequese um espaço de encontro com o mistério, com o Senhor Jesus?

Eis um motivo para refazer esquemas e programas no pós-pandemia, quando reencontrarmos os que estão em processo catequético aos três níveis: crianças, jovens e adultos. Os catequistas devem ser capazes de “aprender o dialeto, isto é, aquela linguagem que vem do coração, que nasce, que é a mais familiar, a mais próxima de todas”.

O CONCÍLIO VATICANO II É MAGISTÉRIO DA IGREJA

No segundo ponto o Papa aborda a catequese do futuro para lembrar o cinquentenário do documento da Conferência Episcopal Italiana que adotava para a catequese as indicações do Concílio Vaticano II.

E ao lembrar o Concílio, o Papa faz a afirmação contundente:

Isto é magistério: o Concílio é magistério da Igreja. Ou estás com a Igreja e por isso segues o Concílio, e se não segues o Concílio, ou o interpretas à tua maneira, como quiseres, não estás com a Igreja. Temos que ser exigentes e rigorosos quanto a este ponto. O Concílio não deve ser negociado... Não, o Concílio é assim.

Tem sido notável em muitos locais o esforço de introduzir o espírito do Vaticano II nas diferentes instâncias da catequese. Mas estas palavras do Papa ganham uma força maior quando surgem no interior da Igreja vozes que veem no Concílio a origem dos graves problemas da Igreja de hoje.

Cito, como exemplo, as palavras do Arcebispo Carlo Maria Viganó ao comentar este texto em *Chiesa e post concilio*:

Se é muito verdadeiro e aceitável que os Concílios da Igreja Católica são parte do Magistério, o mesmo não se pode dizer do único “concílio” da nova Igreja, que – como já afirmei várias vezes – representa o engano mais colossal que foi feito pelos pastores ao rebanho do Senhor; um engano – repetita juvant – que ocorreu quando uma reunião de especialistas conspiratórios decidiu usar os instrumentos do governo eclesiástico – autoridades, atos magistras, discursos papais, documentos das Congregações, textos da Liturgia – com um propósito oposto ao do divino Fundador estabelecido quando ele instituiu a Santa Igreja. Ao fazer isso, os súbditos foram forçados a aderir a uma nova religião, cada vez mais claramente anticatólica e, em última análise, anticristo, usurpando a autoridade sagrada da velha, desprezada e depreciada religião pré-conciliar.

Quando esta oposição crítica ao Vaticano II no interior da Igreja tem nos movimentos fundamentalistas meios sofisticados,

grupos bem determinados que querem influenciar o caminho da Igreja é bom acolher o que o Papa sugere para que a leitura dos sinais dos tempos ajude a “acolher os desafios presentes e futuros sem ter receio de falar a linguagem das mulheres e dos homens de hoje; de falar a linguagem fora da Igreja, isso sim, devemos ter medo. Não devemos ter medo de falar a linguagem do povo”.

UMA IGREJA FELIZ COM UM ROSTO DE MÃE

O terceiro ponto é a catequese e a comunidade. Num regresso à normalidade como vamos ultrapassar isolamentos e confinamentos? Como vamos ser criativos para “descobrir o sentido da comunidade onde cada um pode encontrar a própria dignidade em plenitude”?

Comunidades abertas onde os talentos de cada um são colocados ao serviço de todos, comunidades compassivas que saibam aproximar-se dos que ficaram feridos pelo isolamento, pela dor, ou pelas dificuldades económicas.

Uma comunidade, e o Papa repete o que disse no Congresso Eclesial de Florença há cinco anos: “uma Igreja cada vez mais próxima dos abandonados, dos esquecidos, dos imperfeitos... Uma Igreja feliz com um rosto de mãe, que compreende, acompanha e acaricia”. ■



Foto Economy of Francesco.

Igreja Doméstica e Celebração da Páscoa



Juan Ambrosio

Família. Escultura em bronze de Henry Moore (1949) exibida no Tate Museum. Foto de Rick Lightelm, 2017 | Wikimedia Commons.

Já estamos a viver o tempo quaresmal que, como todos sabemos, é um tempo de preparação, para a celebração da Ressurreição de Jesus. Esta afirmação tão banal e que estamos tão habituados a ouvir, contém em si algo para o qual nem sempre estamos o suficientemente despertos.

Se a escutarmos e olharmos com atenção veremos que a razão de ser deste tempo não reside nele mesmo, mas no acontecimento que quer preparar. Até do ponto de vista temporal isso é uma realidade, pois o tempo quaresmal é mais reduzido do

que o tempo pascal, esse sim o centro e o cume das celebrações cristãs. Porque Ele ressuscitou não é vã a nossa fé. Porque Ele ressuscitou o acontecimento da cruz não significou um fim.

Refiro isto, porque muitas vezes noto como as comunidades cristãs acabam por concentrar quase todas as suas energias na preparação da celebração da Ressurreição que, depois, podem até correr o risco de um certo cansaço. Uma breve passagem pelas diversas atividades realizadas durante a quaresma facilmente nos dará conta da diversidade e multiplicidade das mesmas, o que é bom, porque queremos mesmo preparar o melhor possível a grande celebração da Páscoa.

O problema não reside aí, mas no facto de, seguidamente, também nos podermos dar conta de que as atividades e iniciativas relacionadas com o tempo pascal tendem a concentrar-se na semana imediatamente a seguir ao Domingo de Páscoa, perdendo, depois, foco e intensidade à medida que o tempo avança. O tempo pascal é que é o tempo central. Com isto não quero retirar nenhuma importância à quaresma, pelo contrário, o que desejo é sublinhar aquilo que ela mesmo pretende sublinhar.

Esta reflexão vem a propósito do tempo pascal que estamos a preparar. Uma vez mais (este será o segundo ano) a Páscoa terá de ser vivida de um modo diferente.

A situação em que nos encontramos, do ponto de vista da pandemia, continua a aconselhar todos os cuidados. Ainda não vai ser este o momento para realizarmos as grandes celebrações comunitárias, para nos juntarmos e com uma só voz, ainda que em muitas tonalidades, cantarmos o aleluia que proclama a vitória da vida sobre a morte. Mas que a Páscoa não possa ser celebrada assim não tem de ser sinónimo de uma celebração menor, nem menos intensa ou verdadeira. O que a celebração da Páscoa significa não vai acontecer este ano a meias. A ressurreição não perde a sua centralidade, nem pode deixar de ser a dinâmica a marcar toda a vida e ação das comunidades cristãs.

PREPARAR A CELEBRAÇÃO DA PÁSCOA COMO UM GRANDE HINO À VIDA

É também esta realidade que teremos de ter presentes neste tempo quaresmal. Não podemos esquecer a revisão de vida, não podemos secundarizar a oração, não podemos ignorar o jejum e a esmola. Mas temos de nos preparar bem para que a Páscoa possa ser celebrada e vivida como um grande hino à vida, um grande grito de esperança e como estamos todos precisados disto.

Não se trata de ignorar a dor nem as dificuldades reais porque uma grande parte da humanidade está a passar, pelo contrário, trata-se de as ter bem presentes e de as envolver na força e na dinâmica da Ressurreição. Celebramos a vitória da vida, gritamos a esperança, porque sabemos que a última palavra não pertence ao domínio da morte, ainda que não esqueçamos que muitos estão a chorar, neste momento, por causa da morte dos seus entes queridos. É também por eles, e em certo sentido principalmente por eles, que celebramos a Ressurreição do Senhor.

CADA FAMÍLIA CRISTÃ QUE CELEBRE A PÁSCOA É PLENAMENTE IGREJA

Este é também o tempo de prepararmos as nossas famílias, como Igreja doméstica que são, para a celebração da Páscoa. Cada família cristã que celebre a Páscoa é plenamente Igreja. Claro que não é Igreja sozinha, mas, insisto, é plenamente Igreja. A Igreja Doméstica não é nem substitutiva nem alternativa. Não é apenas uma realidade substitutiva à comunidade paroquial, por exem-

plo, num momento em que esta não se pode reunir; nem é uma realidade alternativa que a queira substituir. A comunidade eclesial é mais ampla do que a soma das famílias, mas jamais poderá prescindir destas, sem se ver afetada na sua autenticidade.

PRIVILEGIAR A DIMENSÃO DA IGREJA DOMÉSTICA

Este tempo quaresmal deveria, pois, também ser aproveitado para que as comunidades paroquiais – que gostamos de chamar e entender como família de famílias – ajudem a preparar a celebração e vivência de todo o tempo pascal, sublinhando e destacando a dimensão da Igreja Doméstica.

Talvez possamos insistir mais nessa realidade e não ficarmos apenas reduzidos a celebrações transmitidas, remotamente, pelos mais diversos modos e plataformas.

Ajudar a dinamizar e robustecer as famílias como Igreja Doméstica, deveria ser também uma das preocupações centrais desta quaresma, para que a partir delas a realidade da ressurreição possa verdadeiramente transformar em vida o que ainda vai estando marcado pela morte. ■



Recomeçar

Inês Espada Vieira

Deixem estes versos de Miguel Torga
respirar por momentos
sozinhos na página.

Recomeça....

Se puderes
Sem angústia
E sem pressa.
E os passos que deres,
Nesse caminho duro
Do futuro
Dá-os em liberdade.
Enquanto não alcances
Não descanses.
De nenhum fruto queiras só metade.
E, nunca saciado,
Vai colhendo ilusões sucessivas no pomar.
Sempre a sonhar e vendo
O logro da aventura.
És homem, não te esqueças!
Só é tua a loucura
Onde, com lucidez, te reconheças...

Miguel Torga, Sísifo, 1977



Ouçam-nos de novo, em *adagio* ou *presto*.

Rezemo-los lentamente ou com ânsia de chegar ao fim. É a nós que se dirigem estas palavras, é para nós o imperativo: *recomeça...*

Muitos dos poemas de Miguel Torga (1907-1995) surgem nas páginas do *Diário* (16 volumes, 1941-1993) mostrando uma ligação indelével entre a poesia e a vida. Como se aquela fosse a chave de leitura do que nos vai acontecendo, como se a poesia iluminasse as nossas dúvidas e resolvesse o espanto de estar vivo.

Este poema intitula-se “Sísifo” (1977) mas não o trago aqui para uma leitura dos mitos clássicos em Miguel Torga. É antes porque o reencontrei há algumas semanas e queria partilhá-lo convosco; talvez o sintam como bálsamo, agora que dobrámos a curva de um ano inteiro de paragens e recomeços, da procura do equilíbrio, às vezes cheios de esperança, às vezes sem vontade, às vezes sem saber.

Como retirar destes dias a pressa e a angústia que nos impedem de recomeçar? Como preparar os passos para este caminho duro, se já nos doem as pernas, se já nos magoa o caminho?

O início do ano de 2021 não foi o da esperança tranquila que desejávamos. Nestes meses, todos conhecemos o peso da doença, da ausência e do desamparo; com o coração nas mãos ouvimo-lo bater descompassado e às vezes hesitante. Sentimos o coração parar, perplexo diante do medo, dos apitos das máquinas dos hospitais reproduzidos na TV, diante de uma solidão intransponível apesar dos telemóveis, perante um não saber o que fazer. E, todavia, se o olharmos de novo – o coração, digo –, se o procurarmos dentro de nós, talvez consigamos entender: viver insaciado pode ser uma forma de viver querendo. Assim, em gerúndio, como um movimento que não termina, que se constrói a si mesmo entre o sonho e a vida, entre desejar e amar.

Do poema de Torga emerge, como a *pequenina luz bruxuleante* de Jorge de Sena, a palavra Liberdade. Ser livre é uma realidade ontológica para o ser humano.

Neste poema, essa luz é um apelo à nossa autonomia (que não significa ser sozinho ou ignorar os que connosco caminham e sonham), à nossa capacidade de construir uma boa vida apesar dos reveses com que inevitavelmente nos deparamos.

Quase a terminar o poema, um verso exclamativo: “És homem, não te esqueças!” O teu destino pertence-te, são tuas a lucidez e a loucura, e nessa saudável tensão encontras o equilíbrio vital que procuras e que, entre todos os seres vivos, unicamente ao ser humano pertence.

Neste mês primaveril (não adivinho a meteorologia, mas antecipo a promessa de dias mais longos, do canto dos pássaros, das flores nas bermas dos caminhos), março-marçagão-de-manhã-inverno-à-tarde-verão, desejo que sintamos o ímpeto que nos deixam estes (como outros) versos de Miguel Torga.

Recomeçar é um imperativo do espírito, mas a voz que nos fala conhece-nos bem e não o impõe. Recomeça, se puderes.

Poderemos? ■



Santo António na publicidade

A utilização da imagem de Santo António em anúncios acompanha a própria história da publicidade em Portugal ao longo dos séculos XIX e XX.

O caráter protetor dos negócios faz com que a sua imagem seja colocada nas lojas e tabernas (prática comum que permanece, sobretudo no norte de Portugal), que aliado à sua popularidade permite identificar de imediato a sua iconografia e símbolos associados, tornando Santo António uma imagem recorrente em reclames, rótulos e promotor dos mais diversos produtos e serviços.

O recurso à imagem de Santo António na lotaria nacional é disso um exemplo, muitas vezes levado ao extremo, conforme notícia do “Jornal da Noite” de 1890, referindo que o Patriarca

de Lisboa solicitou a intervenção da polícia para que fossem arrancados uns cartazes com a imagem de Santo António afixados nas esquinas, que anunciavam para o próximo dia 11 o milagre da sorte grande na loja de Antonio Ignacio da Fonseca (Lisboa).

Muitos anúncios evocavam os milagres mais populares de Santo António, como o famoso milagre da bilha (associado à crescente fama de santo casamenteiro) ou do sermão aos peixes, muitas vezes gracejando com as narrativas, pois eram elementos imediatamente reconhecidos pelo público. Como podemos ver na publicidade de meados do séc. XX dos armazéns Val do Rio, o santo fala aos peixes: “Inspirando-me neste Sol que nos aquece dir-vos-ei, queridos peixinhos, não vos

Pedro Teotónio Pereira
Museu de Lisboa
Santo António

deixeis digerir senão com Azeite e Vinagre do Val do Rio”.

Outro exemplo é a utilização da popular iconografia antoniana no vale de desconto concedido pelo Instituto Photographico, sito na Rua Ivens em Lisboa, por ocasião do VII Centenário de Santo António (1895) onde, para além da imagem de Santo António com o Menino, são representadas as plantas que em Portugal se associam a este santo: a açucena (símbolo de pureza), a alcachofra (associada às práticas e sortes de São João e Santo António) e o manjerico e o cravo encarnado, tantas vezes cantado nos fados e nas marchas populares. ■



Folheto desdobrável da lotaria de Santo António, 1970. MLSA.IMP.1598



Folheto publicitário, séc. XX
MLSA.IMP.1544



Vale de desconto do Instituto Photográfico, Lisboa, 1895. MLSA.IMP.1545

Não sendo o primeiro verbo da salvação que meditamos, o verbo *escutar* é, no entanto, o primeiro verbo de 2021. Porque é talvez o primeiro, o inicial, o germinal na vida humana e, certamente, na experiência cristã.

Cristina Gottardi | Unsplash

Os verbos da salvação

6. OUVIR e ESCUTAR

1. Ouvir e escutar

Escutar e ouvir

The world becomes silent (O mundo fica em silêncio), aço, Rui Chafes, 2004, Jardim da Sereia, Coimbra, Portugal

Não se vê, não se toca, não se cheira, não se prova, mas não se esquece. O que é? Podia ser uma adivinha daquelas que os meus avós contavam, tendo aprendido na escola, mas não é.

E assim do nada, o SOM faz parte da nossa memória.

É dos primeiros sentidos (senão o primeiro) a ser desenvolvido. Ali pelas quatro a cinco semanas de gravidez, as células no embrião começam a rearranjar-se para dar forma ao que será a cara, o cérebro, o nariz, os olhos e os ouvidos. Lá pelas 18 semanas o bebé começa a ouvir o som e pelas 25-26 semanas responde ao som que vem do exterior. 25 semanas correspondem a seis meses de gravidez.

Não é fantástico que um bebé nesta etapa do desenvolvimento já reaja a estímulos sonoros exteriores? Dos sons interiores, como o bater do coração da mãe, vai recordar-se quando nascer.

Vamos à etimologia. A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* diz que *ouvir* tem origem no latim *audire* e significa perceber, pelo sentido do ouvido, os sons, a voz, a palavra... Por outro lado, *escutar* vem do latim *auscultare*, e significa notar, perceber, sentir pelo aparelho auditivo; aplicar a atenção para ouvir, prestar ouvidos; atentar... Ouve-se o sino, o apito do comboio, o aviso do professor, ausculta-se o doente.

O SOM INTERESSA À BIOMEDICINA, À SAÚDE, À FÍSICA E ATÉ À BOTÂNICA...

A propósito de auscultar o doente... No *PubMed* procurámos saber qual seria o interesse do *ouvir* e do *escutar* nas áreas biomédica e da saúde. Não deixa de ser interessante ver que as primeiras publicações que datam do século XIX são sobre *auscultar* o doente. Nestas áreas, o estudo mantém-se tímido até à década de 70, tem algum crescimento até ao fim do século e é no início do século XXI que cresce exponencialmente.

Tal não será alheio ao desenvolvimento das neurociências e das técnicas de imagiologia médica. Por outro lado, a física entretive-se com uma matemática intrincada para explicar aquilo que não se vê, mas que se ouve.

Os cientistas que adoram medidas, maneiras de quantificar aquilo que nos rodeia, lá arranjaram uma forma de quantificar o som. Se para a distância temos, por exemplo, o quilómetro, para o tempo o segundo e para a temperatura o grau Celsius, para o som temos o decibel. O decibel, cujo nome é uma homenagem ao cientista e inventor Alexander Graham Bell, é uma medida relativa de intensidade de um som, ou seja, é uma unidade que compara duas pressões. Por isso, um decibel na água não é igual a um decibel no ar, porque as medidas de referência que se usam para o ar e para a água são diferentes. E descobri que até a botânica se está a interessar pelo som.

“FALA COM AS PLANTAS QUE ELAS CRESCEM MELHOR”...

Hein? Pois, pelos vistos estas recomendações têm a sua razão de ser! Num artigo de revisão da literatura publicado em 2019, o grupo liderado pela investigadora Lilach Hadany da Universidade de Tel-Aviv, em Israel, teve como objectivo resumir o que já se sabe sobre a forma como as plantas percebem o som.

Nesta área, considerada emergente, cunharam um novo termo, a *fitoacústica*, que tem como objetivo estudar a capacidade das plantas emitirem e responderem a sons.

Como reagem as plantas aos sons dos animais, da água e de outras plantas? E como transmitem ondas sonoras? De que forma é que o som, no seu entorno, as afeta biomecanicamente? Os autores categorizam a proveniência do som pelo ar e pelo solo e explicam o que já se sabe.

Das Pisus sativum, que não são mais que as ervilheiras (à data de publicação da revista devem estar a produzir umas belas ervilhas), relatam-nos um resultado engraçado, obtido por Monica Gagliano da Universidade de Austrália Ocidental. As ervilheiras foram usadas para in-

vestigar o mecanismo pelo qual as raízes sentem e localizam a água. O que fizeram as raízes num substrato sem humidade? Na ausência de qualquer humidade no substrato, as raízes das ervilheiras foram capazes de localizar a origem da água pelas vibrações que tinham origem no movimento da água dentro de canos. Por isso, não é necessário as ervilheiras terem água no solo para detectarem água na sua vizinhança. E quando as ervilheiras tinham humidade no solo e as vibrações acústicas? Neste caso, as raízes usavam preferencialmente a humidade que existia no solo. Os resulta-



Gryffyn m | Unsplash

dos sugerem que as vibrações acústicas ajudam as raízes a detectar uma fonte de água à distância e a estabelecer qual a rota mais eficaz para essa fonte, e a humidade ajuda-as a atingir o seu alvo com exatidão. Atenção, que as ervilheiras não são “parvas”. Quando as expuseram a uma gravação da água elas não responderam da mesma maneira, provavelmente por causa do campo magnético gerado pelo equipamento eletrónico que usaram. Quando o ruído estava presente, as raízes não conseguiram da mesma forma perceber e responder ao som ambiente. É importante perceber estes fenómenos, porque a invasão das raízes nos canos nas áreas urbanas tem consequências severas aos níveis económico, ambiental e até social.

QUANDO LHES CORTARAM O PIO...

Quando estava a pensar neste artigo lembrei-me de uma história que li num dos livros de Norman Doidge, há meia dezena de anos. Norman Doidge é médico psiquiatra e psicanalista, e foi durante três décadas in-

vestigador da Universidade de Toronto, Canadá, e da Universidade de Columbia, Nova Iorque, EUA. Vamos até ao sul de França, meados dos anos 60, à Abadia *Saint-Benoît d'En Calcat*, na qual 70 dos seus 90 monges estavam a definhar, cansavam-se facilmente e sentiam-se exaustos. Não se percebia porquê. Não havia nenhum surto infeccioso na abadia. Até que foram visitados por um médico otorrino e inventor, que entendeu o que se passava. O abade zeloso, no fervor do Concílio Vaticano II (1962-1965), tinha decidido que o canto gregoriano ao qual dedicavam seis a oito horas do seu dia não servia para nada. Como tal foi proibido. Seguiu-se um colapso nervoso colectivo. A eliminação do canto retirou aos monges, que já faziam votos de silêncio, qualquer estimulação de voz humana, quer dos seus irmãos, quer da sua. Não era de carne, nem de vitaminas, nem de dormir que precisavam, mas da energia do som. O canto gregoriano foi reposto, os seus sons e os seus estímulos foram restituídos,

e com a terapia inventada por esse médico francês, a postura encurvada dos monges foi desparecendo e a sua saúde foi restabelecida. Esta é apenas uma história de como o som, ou a falta dele, nos pode influenciar. E explorar o mundo da música como terapia ou da sua neurobiologia seria outra história longa e entusiasmante.

PATRIMÓNIO AUDITIVO

Comecei por dizer que o som faz parte da nossa memória. Atenção, estou a escrever a pensar nos casos em que a fisiologia do nosso ouvido funciona corretamente. E faz parte do meu património auditivo afetivo o ouvir contar histórias, lengalengas e adivinhas nos serões à lareira ou nas noites quentes e secas, o toque da entrada, a canção do Vitinho para ir dormir ou a música de Zeca Afonso que nos acompanhava nas intermináveis viagens. Há muitas outras memórias de sons e certamente que as minhas fazem eco na de muitas outras...



Abadia Saint-Benoît d'En Calcat



2. Um percurso bíblico

Monte Horeb, na península do Sinai, Abrahan, Wikimedia Commons

O nosso estilo de vida coloca à capacidade de ouvir e de escutar certas dificuldades.

Os ruídos intensos e constantes do meio urbano concorrem com a nossa capacidade de ouvir, e as sempre presentes comunicações que nos envolvem – dos media, das notícias, da publicidade – distraem a nossa capacidade de escutar. A nossa cultura prefere a imagem à palavra e, nesta, prefere o escrito ao oral: quer a imagem, quer o escrito pertencem à esfera da segurança, da prova, da persuasão e da sedução. Já a palavra oral, dita e escutada, pede a confiança, a atenção e o trabalho da memória. Ainda somos capazes de memorizar?

UMA PERSONAGEM BÍBLICA: ELIAS

O Senhor disse então a Elias: “Sai e mantém-te neste monte, na presença do Senhor; eis que o Senhor vai passar”.

Nesse momento, passou diante do Senhor um vento impetuoso e violento, que fendia as montanhas e quebrava os rochedos diante do Senhor; mas o Senhor não se encontrava no vento. Depois do vento, tremeu a terra. Passou o tremor de terra e ateou-se um fogo; mas nem no fogo se encontrava o Senhor.

Depois do fogo, ouviu-se o murmúrio de uma brisa suave. Ao ouvi-lo, Elias cobriu o rosto com um manto, saiu e pôs-se à entrada da caverna. Disse-lhe, então, uma voz: “Que fazes aqui, Elias?”.

(1Reis 19, 11-13)

A tradição bíblica dos Profetas surge unida ao difícil e exigente trabalho da escuta. O profeta não é alguém que prevê o futuro, mas sim alguém que é capaz de escutar o presente e, por isso, tornar-se mensageiro. Tal é o seu significado para Israel. A tradição profética – cujos livros conhecemos de breves passagens que escutamos na liturgia, entre Isaías e Ezequiel, Jeremias ou Daniel – percorre séculos da história de Israel, situando-se os seus principais testemunhos sobretudo entre os séculos X e VI a. C. Trata-se de um longo período no qual, embora existindo já alguns dos textos que hoje formam o Antigo Testamento, a vivência religiosa de Israel assentava ainda numa tradição oral.

Só a partir do século VI, com o exílio na Babilônia e a constituição das reuniões de assembleias semanais em torno à Escritura – a chamada sinagoga – é que o escrito, memória do passado e objeto de comentários e atualizações, tende a substituir a tradição profética, mais carismática e imprevisível.

Esta é a baliza final. E a baliza inicial? Os profetas – com Elias logo nos seus primórdios – constituem uma ruptura, uma cisão profunda que separa Israel dos povos vizinhos e das formas de religiosidade habituais, no princípio da constituição da sua identidade como povo. Os profetas recusam os ídolos em

nome do Deus que nenhum poder humano (nem sequer o rei!) pode controlar; criticam os sacrifícios cultuais, exigindo antes a busca da vontade de Deus; denunciam as situações a que hoje chamamos de *ordem natural das coisas* – violências, injustiças, opressões – clamando que tal não é o projeto de Deus para o seu povo.

Que podem ter a ver Elias e os profetas bíblicos com uma sabedoria da escuta? Nos sinais do vento impetuoso, do fogo e da terra que treme está tudo o que se impõe aos nossos sentidos de uma natureza onipotente, a imposição pela força de uma presença.

Mas o Senhor não está aí. O murmúrio de *uma brisa suave* (as traduções divergem: o bispo e biblista António Couto traduz *a voz de um fino silêncio*) não se impõe, não chama a atenção, não desperta os sentidos, não ocupa o nosso escutar. Pede atenção, disposição e algum discernimento.

A nossa experiência religiosa une-se à maneira como escutamos no dia-a-dia: ouvimos apenas a voz daqueles que falam mais alto? Precisamos de ter sempre os nossos sentidos ocupados ou distraídos com vozes de fundo? Quando o silêncio cai numa conversa ou num encontro, sentimos de imediato a necessidade de o ocupar com a nossa voz, a nossa maneira de pensar, os nossos argumentos?

Os profetas bíblicos desenharam, na sua vida, o fino traço de uma Palavra que não lhes pertencia, que eles não dominavam, que não podia ser imposta por qualquer violência, física ou lógica. É difícil e exigente reconhecer a nossa vida como visitada por uma Palavra mediada nos frágeis apelos do pobre, nos silêncios resignados de crianças e de velhos, na tênue respiração da nossa consciência, das nossas memórias, dos nossos sonhos. É difícil escutar uma Palavra. A experiência cristã é uma sabedoria da escuta, do aprender a ouvir os nossos dias e que não depende dos estudos, meios e formação de que dispomos.



Catastrophe, Galerie Martel
desenho de Yann Kebbi, 2017



Comunicação em Língua Gestual

EFFATHÁ, ABRE-TE

Trouxeram-lhe um surdo tartamudo e rogaram-lhe que impusesse as mãos sobre ele. Afastando-se com ele da multidão, Jesus meteu-lhe os dedos nos ouvidos e fez saliva com que lhe tocou a língua. Erguendo depois os olhos ao céu, suspirou dizendo: “Effathá”, que quer dizer “abre-te”. Logo os ouvidos se lhe abriram, soltou-se a prisão da língua e falava corretamente. Jesus mandou-lhes que a ninguém revelassem o sucedido; mas quanto mais lho recomendava, mais eles o apregoavam. No auge do assombro, diziam: “Faz tudo bem feito: faz ouvir os surdos e falar os mudos”

(Mc 7, 31-37)

São inúmeros os relatos evangélicos de curas e milagres realizados por Jesus, mas apenas o Evangelho de Marcos nos transmite este episódio de cura

de um homem surdo e mudo. Não obstante, toda a vida de Jesus é percorrida por esta questão fundamental: ouvir, ou não, a boa-nova do Reino de Deus. Recorde-se, por exemplo, a parábola do Semeador: “Escutam a palavra, acolhem-na e dão fruto de trinta, ou sessenta, ou cem” (Mc 4, 20).

No centro do Evangelho de Marcos (estamos no meridiano do seu texto) surge alguém sem nome que é incapaz de ouvir e de falar. Alguém incapaz de comunicar com os outros. Alguém sem nome que, no entanto, a multidão generaliza: “Faz tudo bem feito: faz ouvir os surdos e falar os mudos”. Não será difícil perceber quem aqui está em causa: o discípulo, o leitor que deixam abrir a sua língua e os seus ouvidos por uma palavra nova que é o Evangelho.

Interessa ler com atenção os gestos de Jesus: quem lhe leva este homem (incapaz, portanto, de ir por si, pois não pode comunicar) pede que Jesus lhe imponha a mão, gesto evangélico de cura.

Mas Jesus desenvolve todo um conjunto de gestos, de símbolos corporais, de movimentos, como se tratasse de uma liturgia. Há o afastar-se da multidão, até ficarem os dois a sós. Jesus põe os dedos nos ouvidos, toca a língua com saliva, levanta os olhos ao céu, geme e, finalmente, diz apenas uma só palavra, que condensa em si todo o significado da sua vida messiânica: *abre-te*. O texto guarda memória do termo hebraico, *effathá*. Uma palavra poderosa, capaz de abrir os sentidos para o outro.

Compreendemos que não se trata aqui apenas de uma surdez e de uma mudez físicas, mas de algo bem mais profundo: a capacidade de escutar e de comunicar.

Não será essa, de facto, a capacidade mais difícil de aprender, de deixar abrir, numa sociedade que se diz *da comunicação*? O tempo de Jesus, como o nosso, gerava pessoas que não eram escutadas nem tinham voz, pessoas excluídas pela lei da voz mais forte, do poder de *direito de antena*. Uma humanidade que, como no tempo de Jesus, é capaz de produzir leis, tradições, ordens sociais, cidades e exércitos, mas necessitada ainda de se abrir a uma palavra nova, pascal, frágil como a graça e o perdão.

De novo, colocam-se as perguntas: a leitora e o leitor transportam-se para a personagem sem nome, nossa gémea, que é curada por Jesus? Mesmo que os nossos ouvidos ouçam e a nossa língua fale, a que palavras prestamos atenção? E que palavras pronunciamos?

Abrir-se à Palavra é superar o absoluto do imediato, do juízo, do pessimismo alimentado pelos noticiários, do medo que nos torna surdos e mudos às necessidades daqueles de quem somos próximos.

O Evangelho é um *effathá*, um *abre-te*: abre-te diante do Aberto, do Outro, da Fonte de onde brota toda a pertença à comunidade do dom, do perdão, do anúncio da Graça.

Ainda nos recordamos da última vez que uma palavra abriu os nossos sentidos, a nossa imaginação e a nossa inteligência para a compreensão de algo novo, de um Reino a vir e a abrir as fronteiras fechadas do nosso quotidiano?

A FÉ ENTRA PELO OUVIDO

Como hão-de invocar aquele em quem não acreditaram? E como hão-de acreditar naquele de quem não ouviram falar? E como hão-de ouvir falar, sem alguém que o anuncie? E como hão-de anunciar, se não forem enviados? Por isso está escrito: Que bem-vindos são os pés dos que anunciam as boas-novas! Porém, nem todos obedeceram à Boa-Nova. É Isaías quem o diz: Senhor, quem acreditou na nossa pregação? Portanto, a fé surge da pregação, e a pregação surge pela palavra de Cristo.

(Rm 10, 13-17)

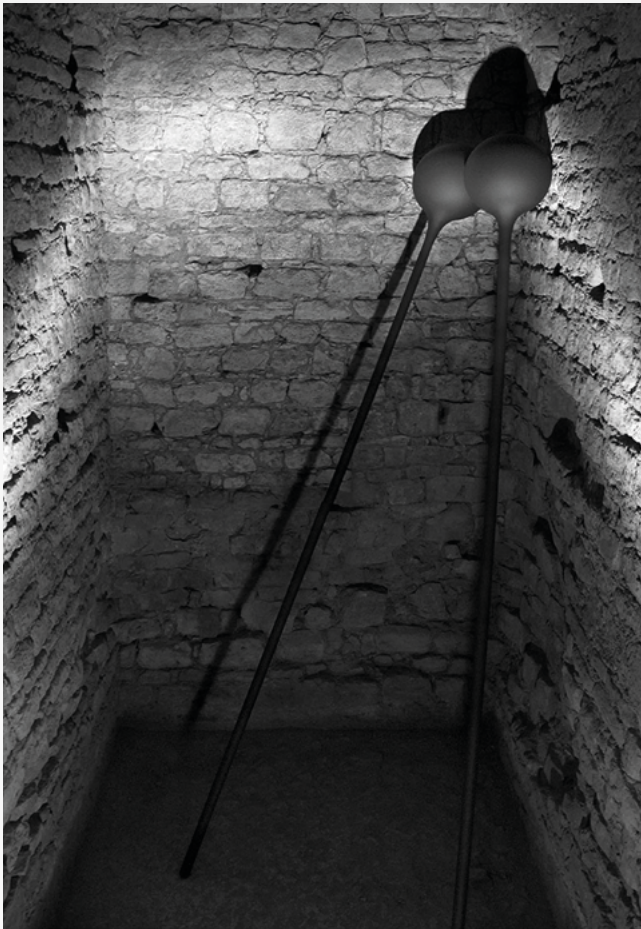
Vimos no relato do Evangelho de Marcos que a comunicação gestual é uma das linguagens da fé: Jesus toca os ouvidos, partilha a saliva, eleva os olhos e geme, e só no final é que fala, dizendo uma única e plena palavra.

Por isso a tradição da Igreja, desde os seus primórdios, reconhece a importância dos símbolos e dos gestos: do abraço da paz ao óleo que unge os enfermos, do partir do pão ao elevar as mãos da oração.

Tendemos a situar tais gestos no espaço litúrgico; no entanto, diante de situações de profundo sofrimento e solidão, são tais gestos de sóbrias palavras que melhor ajudam a comunicar.



Juri Gianfrancesco | Unsplash



Rumor, aço, Rui Chafes, Exposição com Pedro Costa no Criptopórtico - Museu Nacional Machado de Castro, Anozero Bienal Coimbra, 2015. Col. MACRO - Museu d'Arte Contemporânea, Roma.

Mas a fé tem um carácter sonoro: é da escuta, da transmissão da boa-notícia, de nomes, relatos e acontecimentos que o crente se reconhece abraçado numa história de salvação: uma história que envolve todas as experiências de sofrimento, angústia e morte, não as anulando, mas abrindo-as a um horizonte de esperança.

A escuta é, de facto, uma abertura e uma abertura de confiança, de horizontes, de história. Tendemos a reduzir a transmissão da fé à sua dimensão moral e ritual, de conhecimento dos mandamentos e participação nos sacramentos.

Numa cultura de tradição oral era mais imediato o hábito da transmissão pela pregação e pela escuta de narrativas, de testemunhos de experiências vividas. Uma experiência mais lenta e paciente do tempo dilata a atenção e a disponibilidade para a escuta das narrativas cristãs, abrindo os horizontes da mente, dos lábios e do coração para uma Palavra maior.

Muitas das palavras que ouvimos são impessoais: não conhecem o interlocutor, não precisam da sua presença (preferem as audiências), são massivamente distribuídas pelas redes digitais.

Também no seio da Igreja pode correr-se o risco de confiar apenas numa comunicação massificada, uniforme, em torno de noções gerais da ética cristã.

Podemos colocar-nos a pergunta: quando foi a última vez que alguém – um crente experimentado, uma pessoa sábia, uma testemunha – conversou connosco e nos contou uma história, a história do seu encontro com o Vivente que lhe abriu os ouvidos, os olhos e a língua para o Evangelho?

Senhor, diz uma palavra (Mt 8,8). Este pedido do centurião de Cafarnaum – que entrou para a nossa liturgia, repetindo-se no momento da comunhão eucarística – ressoou na relação mestre-discípulo que sustentou toda a tradição espiritual cristã. Ainda temos tempo e disposição para escutar e para testemunhar?

É certo que uma clericalização dos processos e funções de transmissão da fé retirou aos crentes o apelo e a liberdade de contar a história da sua fé, confiando-a aos circuitos institucionais (catequese de infância, homilias, formações eclesiais).

Quem, no entanto, não identifica, na sua história pessoal, o testemunho de alguém – possivelmente um familiar mais velho, um catequista ou um pároco – que, na sua simplicidade, nos abriu os ouvidos, a língua e os pés para o Mistério que habita e percorre a nossa vida? Poderão os ruídos e estímulos da sociedade de comunicação silenciar estas vozes singulares e impedir-nos de as escutar? ■



Vila Praia de Âncora, 2009

Livros

Rui Pedro Vasconcelos

FILHOS DA LUZ EM TEMPOS DE PROVA

Pode a experiência concreta de uma comunidade monástica ajudar a ler e viver as relações humanas? E pode o testemunho da Igreja ser alimentado pelas diferenças, debates e pluralidades que habitam a sua comunhão? É a estas perguntas que Samuel Luras – monge cisterciense de naturalidade francesa e abade no mosteiro de Nový Dvur, na República Checa – procura responder, seguindo de perto a sabedoria da Regra de São Bento e o seu próprio percurso pessoal, que atravessa as mais recentes décadas de história eclesial.

A vida cristã, nomeadamente nas sociedades ocidentais, quando procurada com a intensidade e a exigência evangélicas, é percorrida por tensões e disputas que brotam das condições de cada pessoa, da sua formação, consciência e liberdade, na busca comum da verdade. Tais tensões dão-se com aqueles que não são crentes e também com aqueles que partilham da mesma pertença eclesial e do mesmo credo. Com frequência, a comunhão no essencial da fé é posta em causa por acontecimentos e circunstâncias que, sendo próprios da convivência humana, não são assumidos pela caridade evangélica.

São estas questões difíceis que o autor aborda, com uma linguagem bem fundamentada numa experiência espiritual e teológica. É no corpo da comunidade humana e cristã, no tecido das relações quotidianas, do sofrimento e do perdão, das ruturas e dos consensos que tem lugar o caminho de encontro de cada discípulo com Cristo. Saindo do âmbito teórico, Samuel Luras apresenta-nos um testemunho intenso e exigente sobre

o cerne da nossa existência, apontando a humildade, a escuta, a atenção e a disponibilidade interior como as atitudes fundamentais para uma vida em comunhão.

Dom Samuel Luras
FILHOS DA LUZ
EM TEMPOS
DE PROVA

Reflexões de um monge para nos
mantermos unidos na adversidade



Autor
Samuel Luras
Edição
Frente e Verso
Páginas
248

O PARADOXO DO CRISTIANISMO

É pouco habitual, no nosso meio editorial, a publicação de ensaios de pensamento teológico que ousem colocar questões e propor novas respostas sobre o modo como compreendemos a imagem e o mistério de Deus. Ainda que os três artigos que compõem esta obra sejam já da última década do século XX, a sua pertinência permanece válida.

O autor, Adolphe Gesché (1928-2003), foi professor de teologia na Universidade Católica de Lovaina (Bélgica), e dedicou o seu percurso intelectual à reflexão sobre a relação do cristianismo com um contexto secular e com as suas expressões de ateísmo. A obra procura responder a três perguntas paradoxais: há no interior da experiência cristã um fundo de ateísmo? E o seu monoteísmo, é absoluto? E qual a relação com as outras religiões? Imaginemos, na resposta à primeira pergunta, que sim: que a tradição cristã sempre procurou refletir a partir da razão e da história, criando pontes e linguagens comuns a um pensamento que não reconhece ou não encontra a presença de Deus. A fé num só Deus não significa a fé só em Deus: significa também a fé no ser humano, no seu crescimento, na sua responsabilidade. Gesché encontra no centro da experiência cristã a abertura e o espaço para o encontro e o diálogo com a cultura, a ciência e as realizações humanas.

O pensamento de Gesché assume a herança da modernidade, na sua busca da autonomia da realidade humana. Na fidelidade ao Vaticano II, que reconhece esta autonomia e a une ao destino do Cristianismo, o Autor propõe uma forma diferente de pensar a fé, não encerra-

da em fórmulas acabadas ou num discurso estritamente religioso, mas num “Cristianismo para pensar”. Cabe ao leitor aceitar o repto e o diálogo. ■

Adolphe Gesché
O PARADOXO
DO CRISTIANISMO
DEUS ENTRE PARÊNTESIS

Autor
Adolphe Gesché
Edição
Editorial Franciscana
Páginas
148



Domangchin yeoja/The Woman Who Ran
A Mulher que fugiu, de Hong Sang-soo,
 Drama, M/12, Coreia do Sul, 2020.

UMA MULHER QUE FUGIU
 E OUTRA QUE SONHA FUGIR

Pe. Manuel Monteiro Mendes

Nunca tinha ouvido falar nem tinha visto nenhum filme de Hong Sang Soo. Mas tenho sempre algum fascínio pelo cinema que vem dos lados do oriente. Fui ver e não fiquei desiludido. O único lamento foi o retorno da pandemia que não deixou ver os outros filmes do mesmo realizador que estavam anunciados. Mas vamos então a este filme, muito feminino, muito simples, mas só aparentemente: *A Mulher Que Fugiu*. É precisa uma grande atenção para desbobinar as várias camadas mais ou menos escondidas. E compreender a infinita e subtil melancolia que o percorre.

A protagonista aproveita a ausência do marido para visitar três amigas que vivem na grande cidade de Seoul. É portanto um filme em três andamentos com algumas rimas internas, segundo li uma marca de Hang Sang Soo. Isso e a sua capacidade de filmar e dar sentido às situações mais singelas e banais do quotidiano. O filme começa com um grande plano de galinhas presas num galinheiro. Depois ela chega e entra no apartamento de cada uma das amigas que visita. A primeira coisa que ela diz, nos três encontros, como se precisasse de se justificar, é que 'é a primeira visita que faz desde que se casou há cinco anos. Ela e o marido nunca tinham passado um só dia afastados um do outro'. Deve haver aqui gato escondido com rabo de fora. Até porque, no primeiro dos encontros ficamos a saber de uma mulher que fugiu, de um dia para o outro, abandonando o marido e a filha, sem explicações.

Os encontros são do mais normal possível, à mesa ou no sofá, enquanto se descasca e parte uma maçã ou se bebe um copo de vinho. E as conversas andam à volta das memórias e das situações atuais em que cada uma se encontra. Importante é ver como essas conversas são interrompidas, das três vezes – ainda que de modos e

por razões diferentes – por um 'irritante elemento masculino', que nunca entra, que está e fica fora, quase sempre visto de costas. Apenas representações da opressão masculina? São as mulheres que ficam dentro, mesmo que repetidamente estejam perto das janelas, abram mesmo as janelas e olhem o horizonte lá longe. Às vezes, aquelas mulheres parecem um pouco perdidas e com vontade de liberdade. E estão sozinhas.

Este jogo do dentro e do fora é muito simbólico no filme, como a própria câmara nos mostra, e como vamos compreender, finalmente, no último encontro e nas últimas imagens. Afinal, aquela mulher que, no início da viagem, parecia dizer com agrado que nunca antes tinha estado separada do marido, vai descobrir, através das conversas com as amigas e numa fechada sala de cinema, como era infeliz e como desejava a liberdade.

Depois de conversar com a última amiga, desta vez num escritório, ela vai ver o filme. O que vemos projetado na tela, unicamente, é o mar com as ondas vindo e indo. Desta vez, a câmara do realizador passa da tela às cadeiras onde apenas ela está sentada. Sai para apanhar ar por uma porta que dá para um pequeno pátio, sem saída, onde conversa com um antigo amor. Depois sai para a rua, pára um pouco, como quem hesita no que há-de fazer. E volta a entrar na sala de cinema e a sentar-se. Mas, agora, a câmara vai da protagonista sentada nas cadeiras para a tela. E o filme acaba com o mar, a vir e a ir, evocando a possibilidade de fuga e de navegar numa imensidão de caminhos possíveis.

O sonho da liberdade? Depois de toda aquela jornada, terá ela percebido que o que tinha feito não era mais do que uma inconsciente tentativa de fuga? Sim, aquelas visitas levaram-na a reavaliar a sua vida. ■



Foto de Zach Vessels | Unsplash

Trabalho e cuidado

Luísa Gonçalves

NÃO SERÁ O CUIDADO VITAL PARA TODOS?

Work & Care (Trabalho e Cuidado) é um dos temas de que trata uma das 12 aldeias da Economia de Francisco. Jovens de todo o mundo criam fóruns, discutem ideias, fazem propostas para que o cuidar possa assumir a sua devida importância na sociedade atual.

Não há vida sem cuidado. Se não cuidarmos de nós, não seremos capazes de cuidar dos outros e se outros não cuidarem de nós quando precisarmos, certamente pereceremos. É um círculo de vida que se nutre entre si.

É pela sua suma importância que a prática do cuidado não devia estar restringida a uma classe, nem a um género, nem ter mínimo de idade. Devia ser intrínseco à educação de qualquer cidadão, para que possa exercê-lo de uma forma orgânica.

TEMPO DEDICADO ESPECIFICAMENTE AO CUIDADO

No entanto, apesar de óbvio, a sua execução é complexa e requer uma reestruturação na forma como a sociedade se organiza, nomeadamente na forma como distribuímos o nosso tempo.

Jennifer Nedelsky, professora canadiana de Direito e Ciência Política na Faculdade de York, é autora e ativista do *A Care Manifesto: (Part-)Time For All*, documento onde sugere uma sociedade que não ponha o trabalho ao centro, mas que permita que, na semana de trabalho, haja tempo dedicado especificamente ao cuidado. Para isso, elenca três principais consequências que surgem de uma sociedade cansada e sistematicamente orientada para os resultados laborais:

- Um stress insustentável sobre as famílias;
- Desigualdade persistente para as mulheres e cuidadores;
- Decisores públicos ignorantes quanto aos requisitos para bem cuidar da vida.

A proposta central é a de diminuir as horas semanais de trabalho de 30 para 12 horas, para que possamos destinar tempo ao cuidado, potenciando uma nova norma social, onde o cuidado é visto como uma incumbência moral e cívica a que todos os cidadãos se devem sentir impelidos. Afasta assim a necessidade de políticas que imponham horas na semana para cuidar, mas acredita antes que essas políticas devem criar um ambiente propício para que assim aconteça.

Não é sustentável continuar a educar as gerações futuras em estruturas familiares sufocadas, que todos os dias se contorcem para oferecer aos seus filhos estabilidade financeira e, em igual proporção, estabilidade emocional. Esse fino equilíbrio, quando conseguido, é muitas vezes a custo do cuidado pessoal, que mais tarde ou mais cedo, acaba por dar sinais de si e colocar em falência todo o círculo do cuidado, já referido.

Nedelsky defende ainda que não pode haver formas de cuidado mais nobres que outras e que nunca seremos capazes de ser uma sociedade integralmente justa enquanto não conseguirmos que qualquer pessoa, independente do género ou classe social, seja capaz de cuidar, através das tarefas mais básicas. Ou seja, não basta ganhar mais tempo, é necessário que não se cultive a ideia de que, para ou por ganhar mais dinheiro, contratamos quem faça o jantar aos nossos filhos ou quem mantenha a casa limpa (sendo isso inclusivamente, um sinal de status social). Essas são também formas de cuidado a que devemos aceder. Especialmente porque é através delas que revemos a dificuldade das tarefas mais pequenas e simpatizamos com o outro. De facto, a empatia é o ingrediente essencial para cuidar.

CUIDADO IGUALMENTE REPARTIDO E DESEJADO POR AMBOS OS PAIS

No que concerne às desigualdades para as mulheres, é já hoje claro que no atual sistema, este equilíbrio será difícil de atingir. Não se trata apenas de garantir que as mulheres não sejam prejudicadas pela sua biologia, pelo dom da vida, que

as afasta do trabalho por longos meses. Mas se este equilíbrio não for conquistado devidamente, teremos sempre um género enfraquecido no que respeita, por exemplo a questões tão simples como a reflexão política, essencial para exercer o direito de voto de forma consciente. Uma mãe de três filhos, ainda que trabalhando menos horas, se chega a casa e tem mais uma jornada de 6h horas pela frente, dificilmente consegue acompanhar a vida política do seu país, ler artigos, assistir a entrevistas... Se se tornar amplamente aceite que o cuidado deve ser igualmente repartido e desejado (sendo que este desejo é fortemente influenciado pelas normas sociais) por ambos os pais, então será mais fácil que este equilíbrio aconteça.

Mas para que haja uma estrutura que sustente esta nova forma de pensar a sociedade, é fulcral que tenhamos decisores políticos não só conscientes, mas experientes no cuidado.



SÓ OS CUIDADORES PODEM ASPIRAR À VERDADEIRA POLITICA

E neste ponto, Jennifer Nedelsky é bastantes radical: não devia ser permitido o acesso a cargos políticos, de qualquer natureza, a quem nunca tivesse tido uma experiência continuada, enquanto cuidador – quer fosse cuidar de um parente doente, de um filho ou através de trabalho voluntário. Desta forma, quem cria políticas, nos mais diferentes âmbitos (fiscal,

ambiental, laboral...) estaria sempre profundamente marcado por esta experiência que iria condicionar positivamente a sua atividade.

Pelo nosso profundo vínculo a Jesus e a Nossa Senhora, é nos fácil perceber que o cuidado pelo outro é a razão vital pela qual fomos criados e que é através das diferentes formas do cuidado que cumprimos aquilo que Deus nos pede: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei”. Mas é essencial que o cuidado se torne uma prática comum e natural a todos. Sejamos testemunhas ativas da Alegria que há no cuidar e encontremos formas de influenciar positivamente a sociedade para esta Alegria. ■



Jovens...

e os santos da
Christus Vivit

11. Beato Marcel Callo

Escuteiro, jocista,
demasiado católico

A história de Marcel Callo é “uma das mais impressionantes de todo o século XX [...] pela maneira essencialmente cristã como viveu a sua curta, mas preenchedíssima existência” (D. Manuel Clemente em <https://youtu.be/KmtcPdwJEPs>).

Nascido a 6 dezembro de 1921, em Rennes (França), Marcel Callo foi o 2º mais velho dos oito filhos do casal Callo. Desde cedo se fez notar: nos Escuteiros ou a cuidar dos irmãos mais novos, era um verdadeiro líder e um perfeccionista.

Aos 13 anos foi trabalhar para uma tipografia. Rapaz recatado, não se deixava abater pelos desaforos dos seus colegas de trabalho, que o chamavam de “beato”; preferia a companhia dos seus amigos da JOC (Juventude Operária Católica), a que pertencia com orgulho. Tinha bom sentido de humor, gostava de futebol, ping-pong e de jogar cartas (especialmente Bridge).

Aos 20 anos, apaixonou-se por Marguerite Derniaux. Ao contrário dos colegas, uns fanfarrões no que às “aventuras amorosas” diz respeito, Marcel era respeitoso para com as raparigas:

Se tive que esperar até aos 20 anos para sair com uma rapariga, é porque queria encontrar o verdadeiro amor. Devemos dominar o nosso coração antes de o podermos dar a quem nos foi escolhido por Cristo.

Quando ficaram noivos, decidiram rezar as mesmas orações e participarem na Eucaristia tão frequentemente quanto podiam.

A 8 de março de 1943, a 2ª Guerra Mundial chega a Rennes. É nesse dia que morre sua irmã Madeleine (no mural em cima, à direita), vítima de um bombardeamento. Com a ocupação nazi de toda a França, Marcel é deportado para Zella-Mehlis, na Alemanha, para o STO (Serviço de Trabalho Obrigatório). Na Alemanha, Marcel foi forçado a trabalhar numa fábrica de bombas. Cerca de três meses após ter deixado a família, impedido de participar na Eucaristia, Marcel ficou muito deprimido. Só mais tarde encontrou um local onde era permitida a celebração Eucarística dominical, renovando-se assim também a sua esperança e ânimo:

Finalmente Cristo reagiu. Ele fez-me entender que a depressão não era algo bom. Eu tinha de me manter ocupado com os meus amigos; então a alegria e o alívio haveriam de regressar.

Foi então que encontrou forças para cuidar dos seus amigos deportados. Organizou um grupo de trabalhadores cristãos para praticarem desportos, jogar cartas e fazer teatro. Tudo fazia para motivar os seus companheiros, apesar de sofrer permanentes e dolorosas infecções e fortes enxaquecas. Chegou mesmo a conseguir organizar uma Eucaristia na sua língua materna. Tais iniciativas atraíram a atenção dos alemães, ao ponto de o terem prendido, a 19 de abril de 1944, dizendo que ele era “demasiado católico”.

Levado a interrogatório, Marcel admitiu todas as suas iniciativas religiosas, sendo depois enviado para a cidade de Gotha. Enquanto esteve ali preso, recebia a Eucaristia secretamente e continuava a rezar e a ajudar os seus companheiros. Acabou por ser transferido para uma prisão diferente: o campo de concentração Mauthausen-Gusen, na Áustria. Apesar do seu sofrimento, encorajava os seus companheiros dizendo-lhes: “É na oração que encontramos a nossa força”.

Morreu aos 24 anos de idade, a 19 de março de 1945. Foi beatificado por João Paulo II, a 4 de Outubro de 1987. É uma das inúmeras *Vítimas do Nazismo* (Paulinas, 2007) cuja coragem e fé nos continuam a inspirar. ■

Nascer em segurança

Com o apoio da Cáritas Antoniana, foi concluído, na Tanzânia, o projeto *Nascer em segurança e requalificação do Dispensário*.

O projeto funciona num mosteiro beneditino e serve mais de 20.000 pessoas de dez aldeias diferentes.

É um ambiente repleto de alegria que se vive no dispensário de Mvimwa, província de Sumbawanga, Tanzânia. Todos os dias, mães com seus filhos recebem assistência e cuidados, rodeadas por equipas médicas e paramédicas. Isto deveria ser a normalidade, mas nem sempre é assim em áreas como esta, assoladas pela fome e pela pobreza extrema.

Quem anima este centro de saúde são os monges da abadia beneditina de Mvimwa, onde está localizada a estrutura.

O mosteiro é um lugar de oração e de trabalho (na Regra do fundador, São Bento, está escrito: ora et labora, reza e trabalha). Noventa e seis monges integraram no seu compromisso quotidiano o cuidado e a atenção à saúde dos outros. Neste contexto trabalham um monge médico, um médico leigo que vive com a família no mosteiro, três enfermeiras leigas especializadas e seis auxiliares.

Este espaço acolhe cerca de 200 pessoas todos os dias: doentes e familiares, pacientes para fazer análises e levantar medicamentos, vacinações, partos, exames de crescimento e pequenas intervenções cirúrgicas.



Frei José Carlos Matias

As pessoas vivem em condições muito precárias. As casas não têm água, nem luz. O pavimento é inexistente.

Pe. beneditino Lawrence Samson Ntiyakila

A Cáritas de Santo António, graças ao contributo de muitas pessoas, financiou o projeto com 40 mil euros. O centro alojado na abadia beneditina, era insuficiente em termos de número de camas, falta de casas de banho e cantina. Os monges decidiram então, com a ajuda da população local, “deitar mãos à obra” no antigo complexo de saúde, para acrescentar uma parte e remodelar a existente. A primeira parte do novo dispensário, que agora abriga maternidade, pediatria e neonatologia, foi inteiramente construída pela comunidade monástica e trabalhadores locais.

Foi iniciada a instalação de um sistema de painéis solares para garantir eletricidade para os equipamentos e água quente. Além disso, foi criada uma sala educacional para que as novas mães aprendam as regras básicas de higiene e nutrição.

A separação da maternidade do dispensário vai limitar o risco de contaminação de mães e bebés, permitindo um ambiente sanitário adequado para as mães e as crianças e aumentando também o número de camas no dispensário atual.

Padre Lawrence

As jovens mães costumam ter com elas, durante todo o tempo do internamento, a própria mãe ou outras mulheres da família. Cozinham, comem e dormem como podem, em situações precárias, para estarem juto da nova mãe e a assistirem nas suas necessidades. Com a nova maternidade foi montado um quarto no antigo dispensário para abrigar pelo menos um familiar. Estão em avaliação algumas soluções para garantir a alimentação dos familiares, oferecendo-lhes uma refeição numa sala localizada perto do dispensário.

Nascer com segurança não é apenas o nome de um projeto, mas um novo espírito para viver o acontecimento mais importante para uma mulher, uma família, uma comunidade. ■

É comigo, também!

Fabio Scarsato

Ilustração: Luca Salvagno

António e os poderosos: eis o tema de fundo deste artigo que segue o caminho de António através da região da Calábria (Sul da Itália). Um tema que implica falar claro, sempre, porque esta é a linguagem do Evangelho, que ultrapassa a simples legalidade.

MAS QUE FAZER, ENTÃO, COM TODA ESTA ABUNDÂNCIA DOS DONS DE DEUS?!

Explico-me: todos concordamos que a fé é um dom e ainda por cima um dom gratuito semeado na nossa vida, que cresce e dá fruto graças também ao cuidado e à atenção que lhe dedicamos, mas, e depois? Fica tudo na mesma, guardamos essas “consolações interiores”, tratamos da nossa consciência e atravessamos incólumes a existência?

Toda a escuta da Palavra de Deus, quer a escrita nos livros sagrados, quer aquela que o próprio Deus semeia no nosso dia a dia, afinal, que fruto deixou em António? Habilidades exegéticas, capacidade de explicar a Palavra, doutrina teológica segura, tudo bem.

Mas, e depois? Se acreditar é o ponto mais concreto do homem, a adesão à fé deve tornar-se simplesmente toda a nossa vida.

Pois que o nosso Santo António está convencido que a verdadeira escolha do cristão não está entre a fé e o ateísmo, mas entre a fé e a idolatria, então, ele não pode calar-se: onde e sempre que um “ídolo” – o sucesso à custa dos outros, o poder, a força, a duplicidade e a falsidade para com os mais fracos, o mito da raça, o egoísmo disfarçado de auto-realização, a riqueza não partilhada, a corrupção, a ilegalidade que cria injustiça – se substitui com prepotência à dignidade indiscutível de cada homem e mulher, todos igualmente filhos e filhas daquele Deus a quem rezamos no plural, Pai *nosso*, e não *meu*.

Nesse sentido, a escuta profunda e atenta de Deus é a premissa para a indignação e só a indignação que brota dessa escuta é evangelica-

mente capaz de desmascarar o “bezerro de ouro” de cada circunstância.

A assídua leitura da Bíblia sugeriu a António uma palavra-chave, que é ao mesmo tempo estilo de vida, discernimento quotidiano e compromisso: *parrésia*, ou seja, a coragem de dizer sempre a verdade, de permanecer íntegro até ao fim, mesmo diante do poder, seja sob que forma ele se apresentar. Uma mistura de fé, audácia, liberdade, franqueza, coragem, indignação, confiança de quem não tem nada a perder, da qual o apóstolo Paulo escreve e testemunha, não por mérito próprio, mas pela graça de Deus (Ef 6,20; 1Ts 2,2), qualidades que o Evangelho reconhece ao próprio Jesus (Mc 8, 32; Jo 18:20).



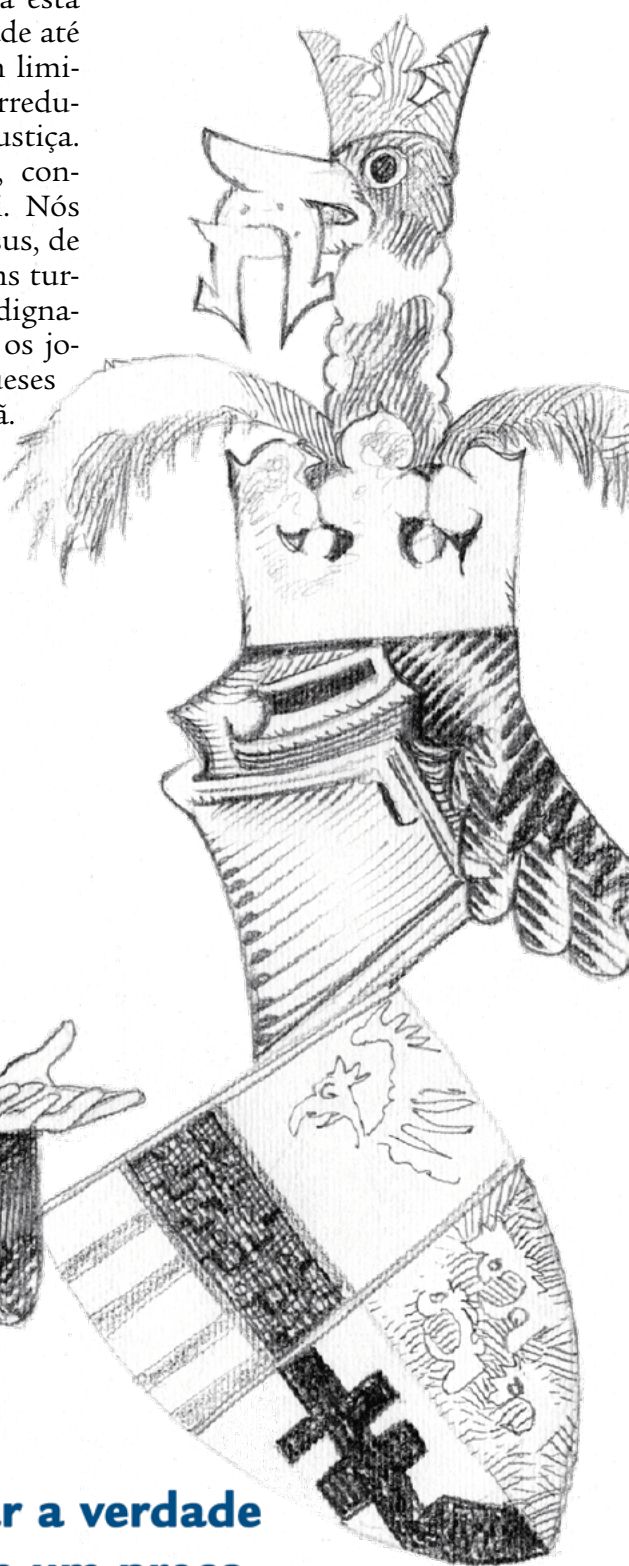
Uma mistura letal para uns e outros, uma escolha que nunca é isenta de efeitos colaterais: expressar a verdade tem sempre um custo – em amizade, em dinheiro, em votos eleitorais – mas é também uma escolha da qual depende a nossa coerência e a nossa humanidade. Confirmado apenas por esta *parrésia*, António podia apresentar-se sem medo perante o tirano sanguinário Ezzelino da Romano, em Verona, quando todos pensavam que iria ser morto imediatamente ali mesmo, tão claras e veementes foram as palavras que lhe atirou. E com o mesmo cartão de visita censurava abertamente e com veemência os bispos que exerciam indignamente o seu ministério.

Não é uma escolha tática definida à priori, nem o hábito de estar “sempre contra”, mas a rendição quase obrigatória do amante: “Quando o Senhor Deus fala, quem se recusa a ser profeta?” (Am 3,8).

*E a palavra flui
imparável:
ora grito de arauto,
ora sussurro
implorante.*

Annette von Drost-
te-Hülshoff

António permanece fiel a esta exigente palavra da verdade até ao fim. Uma palavra sem limites, porque inatingível e irreduzível à mentira ou à injustiça. “Odeio os indiferentes”, confessou António Gramsci. Nós também: em nome de Jesus, de Santo António, dos jovens turcos do Gezi Park, dos indignados espanhóis, de todos os jovens calabreses, portugueses e do mundo de amanhã. Porque o futuro é para eles! ■



**Manifestar a verdade
tem sempre um preço,
mas é uma escolha
que define a nossa coerência
e a nossa humanidade.**

Orações

a

Santo António



Querido Santo António, agradeço-te por teres ouvido as preces que fiz por um familiar. Após ter sido operado de urgência e de lhe ter sido extraído um rim, devido à situação de pandemia, não podia receber visitas dos familiares... Enviaram-no para casa, mas pouco tempo depois apanhou uma infeção e a situação complicou-se pelo que teve de ser novamente internado. Sua esposa, seus filhos pequenos e todos os familiares viveram uma grande aflição às portas do Natal. Pouco tempo depois foi enviado para casa. No meio dessa situação eu rezava todos os dias e a todas as horas a Jesus e a vós, querido Santo António, o caso dele era muito grave. Passou por exames muito dolorosos. Por se tratar de uma doença rara, detetada em criança, tem passado por sucessivos internamentos e estudos. Querido Santo António, sei que és grande amigo de Jesus e Ele de ti, peço-te que veles por ele e sua família, esposa, filhinhos e seu lar. Confio-to a ti e que seja feita a vontade de Deus! Minha gratidão a todas as orações feitas por essa intenção. Maria Rosalina

Querido Santo António, obrigada por seres o meu companheiro de todos os dias e por me ajudares nas minhas aflições, obrigada! Peço a tua proteção para mim e toda a minha família, ámen! Ana Maria

Meu Santo António, eu agradeço todos os benefícios conseguidos! Eu te peço pela felicidade de toda a minha família e para todo o mundo. Venho-te pedir, de um modo especial, por uma menina que foi violada pelo pai. Abençoa e ilumina a menina e a sua família! Obrigada!

Querido Santo António, hoje venho de novo até vós e peço a mesma intenção: de ser curada de todos os problemas oncológicos que me afetam. Também hoje te peço pela menina que tu sabes para que possa ser curada dos olhos e se desenvolva bem e sem problemas. Vós sabeis Santo António que ela apenas tem 6 meses e seus pais sofrem com esse problema, ajuda-os Santo António, se for a vontade de Deus, obtendo este milagre. Desde já muito obrigada, Santo António! Maria Vicente

Querido Santo António, já tive uma neta, estou muito feliz! Intercedeste por mim, por isso vim agradecer! Agora gostaria que ajudasses a minha outra filha a resolver o seu problema: não consegue ter filhos! Por favor ajudai-a!

Querido Santo António, mais uma vez te venho pedir, que eu consiga vender os meus viveiros e que a CM aprove o projeto que os potenciais compradores pretendem fazer nesse espaço.

Querido Santo António, sê nosso mediador neste hora de pandemia e na realidade de cada ser humano de boa vontade e com as fragilidades que o corroem!

Querido Santo António, ajudai-me a engravidar e a dar à luz um bebé saudável. Intercedei por mim a Nosso Senhor Jesus Cristo. Obrigada! Isabel

Querido Santo António, quero pedir que guies a mi Pátria amada hacia la paz, que regrese la tranquilidad a los hogares, que se llene de valores morales y espirituales. Que Venezuela vuelva a ser una tierra llena de amor y bondad y sus gobernantes sean justos y velen por el bien de su pueblo. Víctor

Meu querido Santo António, quero hoje pedir-te pela nossa terra, pelo nosso mundo, para que saibamos poupar. Hoje venho pedir, em particular, pela saúde de duas amigas, ambas com cancro da mama. Também te peço saúde para os amigos e toda a nossa família.

Muito obrigada, meu querido Santo António, por todas as vezes que me tens ouvido no teu responso. Só te peço que me ouças neste meu pedido: pede a Jesus que nos livre desta terrível pandemia! Protege-nos a todos e peço-te pela minha filha, livra-a de todos os perigos! Obrigada, a tua amiguinha! Maria Teresa

Querido Santo António, ajuda o meu amor JC a libertar-se do vício /desejo de tomar droga, para que possa viver com conexão profunda com o seu coração e para que viva o amor verdadeiramente e sinta as emoções de forma profunda e pura. Ajuda-nos a reencontrar a harmonia no nosso amor para que possamos viver com alegria, luz, gratidão e respeito. Obrigada por toda a tua ajuda!

Meu querido Santo António, protege e ajuda a minha filha para que consiga obter as suas pretensões e cuidar das duas meninas inocentes. Faz com que não sofram mais na companhia do pai, toldado por outra mulher. Que ela consiga obter a guarda das filhas! Amén! Mãe angustiada

Querido Santo António, minha mãe é tua devota adoradora, protege-a e dá-lhe mais alguns anos de vida que hoje, 18/01/2021, comemora 90 primaveras... Que ela resista ao maldito vírus e o ultrapasse e tenha saúde para desfrutarmos ainda alguns anos na sua admirável presença.

Neste novo ano, querido Santo António, peço para o mundo inteiro, especialmente, para a minha família, amigos, funcionários e quem mais precisa neste momento, de consolo, de esperança, de fé, de solidariedade, de saúde, de paz e de alimento. Que tenhamos força para superar estes momentos difíceis e desafiantes para a humanidade. Obrigada, querido Santo António!

Querido Santo António, mais uma vez te venho pedir, que eu consiga vender os meus viveiros e que a CM aprove o projeto que os potenciais compradores pretendem fazer nesse espaço.

Glorioso Santo António, peço que me ajudes para que o meu marido seja um bom pai e um bom marido! Tem andado tão violento comigo... Maria Judite

Santo António, peço a tua intercessão para me libertares do mal que está dentro de mim!

Meu querido santo António, venho-te pedir através desta carta, com toda a minha humildade, que me concedas um novo amor. Já passei por muitas decepções na minha vida... Envia-me um homem bom, amigo, com um trabalho estabilizado, que me possa ajudar, seja amigo, companheiro, o melhor marido e pai dos meus filhos. O meu sonho é casar e ter filhos, ter uma família feliz. Entra com a tua misericórdia e me ajuda a encontrar meu novo amor, se for essa a vontade de Deus. Que Deus abençoe a minha carta. Daniele

Meu querido santo António, estás sempre nas nossas orações! O mal é que nós só pedimos, mas honramos-te e amamos-te como guia e protetor. Afasta-nos das discórdias e ressentimentos, e que as mágoas sejam substituídas por atos de amor, perdão e misericórdia! Perdoa-nos e intercede por nós junto de Jesus que veio ao mundo para nos salvar e levar-nos até Deus, nosso Pai que tanto nos ama. Que reine em nós, filhos de Deus, a paz, o amor e a conversão! Santo António roga por nós que somos pecadores! Bendito sejas Senhor! Que tenhamos um Santo Ano! Gracelinda e Irene

Meu querido Santo António, o meu cunhado é um homem decididamente devoto, temente a Deus e está em estado de saúde muito crítico. Rogo, meu querido santo, que, com a tua imensa generosidade, lhe restituas a saúde em pleno. Ainda te peço e rezo para me reencontrar com uma queridíssima amiga que já não vejo há 40 anos. Agradeço a tua célere intercessão. Que Deus seja louvado para sempre. Prega per noi! Luís

Querido Santo António, ajude a minha filha para que ela consiga ficar grávida!

Querido Santo António, quero pedir-te para me ajudares na fé com a minha filha. Ela está a fazer tratamento de doença do foro psicológico, há seis meses. Não me fala, só comunica por sms. Angelina

Querido Santo António, venho agradecer-te todas as coisas boas que me deste, obrigada! Meu santo António, te peço ajuda para que a minha filha faça as pazes com o filho e a namorada, para que haja paz na minha família! Eternamente agradecida! Obrigada! Maria de Lourdes

Querido Santo António, desejo que a minha filha fique efetiva na CGD. Também te peço pelo meu irmão, para que veja o seu sofrimento psicológico aliviado e possa gozar de felicidade, ser amado apesar da sua esquizofrenia. Maria Ester

Querido Santo António, muito obrigada por todas as graças que Deus me concedeu e o Menino Jesus por teu intermédio, obrigada! Hoje quero pedir-te para que esta pandemia termine e para que ninguém da nossa família fique infetado. Também te peço para que os meus pais e sogros tenham saúde para verem a neta crescer. Também peço a tua intercessão para que eu e o meu marido tenhamos trabalho e possamos ficar efetivos. Ajuda-nos para que todos possamos ter saúde. Obrigada por tudo!

No horizonte,
O sol nascente,
Ilumina o caminho
A água da fonte.
Jorra fresquina
E eu perdida,
Cheia de sede.
Encho a bilha,
Até ao céu
pelo dom da vida
Dou graças a Deus.
Graças vos dou
Santo António
Pelo vosso amor! ■

Os Ramos dos Santos

A PALAVRA DE DEUS

Depois de passarem por Betânia e Betfagé, chegaram ao Monte das Oliveiras, perto de Jerusalém. Jesus mandou dois discípulos e ordenou: “Vão à povoação que fica ali em frente. Logo que lá entrarem encontrarão um jumentinho preso, que ainda ninguém montou. Soltem-no e tragam-no cá. Se alguém vos perguntar por que fazem isso, digam que o Senhor precisa dele e logo a seguir o mandará entregar”. Eles foram até lá, encontraram realmente um jumentinho preso a uma porta do lado de fora e soltaram-no.

....

Os discípulos trouxeram o jumento a Jesus, puseram as suas capas por cima do animal e Jesus montou nele. Então muitas pessoas estenderam também as capas pelo caminho e outras espalharam os ramos que tinham cortado no campo. Tanto as pessoas que iam à frente como as que seguiam atrás gritavam: “Glória a Deus! Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor! 10Bendito seja o reino que está a chegar, o reino de nosso pai David! Glória a Deus nas alturas!”.

Mc 11, 1-10

A PALAVRA DE SANTO ANTÓNIO

Os ramos são os exemplos dos Santos Padres, dos quais diz o Senhor no Levítico: “Tomareis os frutos da árvore mais formosa, espátulas de palmeira, ramos da árvore de densas folhas e salgueiros da torrente e alegrar-vos-eis diante do vosso Deus”.

A árvore mais formosa é a gloriosa Virgem Maria, cujos frutos foram a humildade e a pobreza.
As palmeiras foram os Apóstolos, que deste mundo levaram a palma da vitória.
As espátulas são os frutos das palmeiras antes de abrir.

Por elas entendemos a fé, a esperança e a caridade dos Apóstolos.
A árvore de densas folhas é a cruz de Jesus Cristo, que estende as densas folhas da fé por todo o mundo.
Hossana interpreta-se salvação ou salva, por favor. “Hossana, portanto, ao filho de David”.

Por isso, singularmente és bendito ó Cristo, que vens em nome do Senhor, quer dizer, para honra de Deus Pai. Hossana no mais alto dos céus; salva no mais alto dos céus, Tu que salvaste, remindo na terra, salva, nós te pedimos, colocando-nos no céu.

Sermões de Santo António, Domingo de Ramos





Frei Valentim Strappazzon

Domingo de Ramos na praça de São Pedro, Roma, 2012

APROFUNDAMOS

Março é o mês do despertar da vida e da festa. São José, como diz o Papa Francisco, amou Jesus “com coração de pai” (*Patris corde*). A Anunciação de Maria dá-nos Jesus, o “Salvador”. A Semana Santa, marcada pela dor e pelo Sangue de Jesus, é uma promessa de Ressurreição e de vida para nós. António, nosso irmão, acompanha-nos no caminho que conduz Jesus a Jerusalém e à cruz, entre triunfos e traições, para nos fazer saborear os preciosos frutos da Páscoa já próxima.

- **Jesus sobe para Jerusalém.** Vem de Betânia, onde Maria ungiu os seus pés com um nardo puro e precioso, anúncio dos perfumes da sua sepultura; e de Betfagé, acolhido como rei, pobre e humilde, sentado sobre um jumentinho, por uma multidão em festa.
- **A sombra da cruz.** O triunfo, efêmero e momentâneo como um sopro de vento, esconde, porém, na sombra, a tragédia da condenação à morte e da traição. Jesus é condenado, em nome da Lei, como um blasfemo, quando só Ele e não a lei humana, conhece a Deus, seu Pai. É traído e entregue por um discípulo, amado e tratado por Jesus, como diz o nosso Santo, como um verdadeiro amigo.
- **Os frutos da árvore da cruz.** Segundo o seu costume, António lembra uma passagem do Levítico e a festa dos Tabernáculos, com as suas árvores frondosas carregadas de frutos (Levítico 23,40). A árvore de folhas densas é a cruz de Jesus Cristo, que estende os braços pelo mundo inteiro. Os frutos desta árvore são os testemunhos dos Santos: Maria, os Apóstolos e todos os santos, sempre verdes de boas obras, como os salgueiros, ao longo da torrente da vida passageira e mortal.

Pedimos-te, portanto, bendito Jesus, que da aldeia desta peregrinação nos reconduzas para ti, na cidade santa, na eterna felicidade. ■



Vós sois todos irmãos

O amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal. Ninguém amadurece nem alcança a sua plenitude isolando-se. Pela sua própria dinâmica o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros, uma aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo ao sentido pleno da mútua presença. Disse-nos Jesus: “Vós sois todos irmãos” (FT 95).

O mundo não é monocromático, mas podemos contemplá-lo na variedade e na diversidade das contribuições que cada um pode dar. Como precisa a nossa família humana de aprender a viver conjuntamente em harmonia e paz, sem necessidade de sermos todos iguais! (FT 100).

A solidariedade manifesta-se no serviço, particularmente dos mais frágeis das nossas famílias, da nossa sociedade, do nosso povo... O serviço nunca é ideológico, dado que não servimos ideias, mas pessoas (FT 115).

Avó e neta - Amar e ser amado, bens preciosos. Saúde também. E quando falta a saúde, que não falte o amor. E que não falte tempo para o demonstrar. O amor pelos pequeninos e pelos indefesos, pelos doentes, pelos idosos. A medida do amor é amar sem medida (citação atribuída a Santo Agostinho). Foto de Ana Vozzone, 2017.